

NEIDA LÚCIA MORAES ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA¹

NEIDA LÚCIA MORAES BETWEEN LITERATURE AND HISTORY

Francisco Aurelio Ribeiro*

Foucault nos afirma que a História é a primeira e a mãe de todas as ciências do homem, exercendo, na cultura ocidental, as funções de memória, mito, transmissão da sabedoria e do exemplo, veículo da tradição, consciência crítica do presente, decifração do destino da humanidade, antecipação do futuro ou promessa de um retorno.

A Literatura é irmã da História, pois ambas têm uma origem comum: nomeações de fatos das vidas dos indivíduos e das sociedades, originando-se no imaginário e recriando-se na oralidade e na escrita. ambas têm como objeto a palavra,

¹ RIBEIRO, Francisco Aurelio. Neida Lúcia Moraes entre a Literatura e a História. *Você*, Vitória, ano III, n. 29, p. 44, mar./abr. 1995.

* Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

recriada em “textos”, tecidos de significantes. Filhas de Zeus e Mnemósine, têm na memória, na imaginação e na tradição seus princípios geradores.

Walter Benjamin nos recorda, na modernidade, que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras”. Chegamos ao fim da História, nos diz Fukuyama. Será tudo, então, Literatura? Certo, porém, é que todo e qualquer estudo das atividades humanas assenta sempre numa visão de mundo e numa concepção da história.

Neida Lúcia Moraes (1929), escritora e professora, ativista cultural e pesquisadora, consegue articular, com propriedade, as habilidades de literata e historiadora. Em suas primeiras obras, o tom didático prevalece sobre o ficcional, o que diminuía a qualidade literária dessas obras.

Seu primeiro romance foi *Olhos de ver*, publicado em 1969, que descreve a luta Jorge, jovem médico idealista, contra o conservadorismo do coronel Gersino. Outros personagens como Ricardo, o “lado bom de juventude inquieta”, Malu, “a alegria de viver”, Dona Penha, “a dama fútil da sociedade capixaba”, apenas revelam o maniqueísmo com que foi pensada a vida individual e a sociedade naqueles idos de 60.

Sete é número ímpar, seu segundo romance, foi publicado em 1971 e nele retrata a vida de jovens estudantes de Direito, no final da década de 60 e início da de 70, focalizando os filhos da classe média e da pequena burguesia, seus conflitos individuais e sócio-políticos, numa época de crise e de grandes transformações sociais. A simplificação da análise dos fatos históricos, pelo pouco distanciamento da época, e o profundo didatismo fazem do romance um panfleto didático/moralista com evidente prejuízo da qualidade artístico-literária.

Seu terceiro romance, *Simbiose*, publicado em 1987, encaixa uma narrativa dentro da outra, procurando retratar a história brasileira durante a ditadura

militar. A preocupação em mostrar a realidade político-econômico-social do país, ora nas conversas das personagens, ora nos textos escritos por eles, torna as histórias dos quatro jornalistas que receberam o desafio de escrever, em um ano, um romance que retrata a realidade brasileira, tão desinteressantes quanto as histórias que escrevem. Mais uma vez, Neida Lúcia foi mais professora e historiadora que ficcionista. A literatura foi apenas “pretexto” para contar a história.

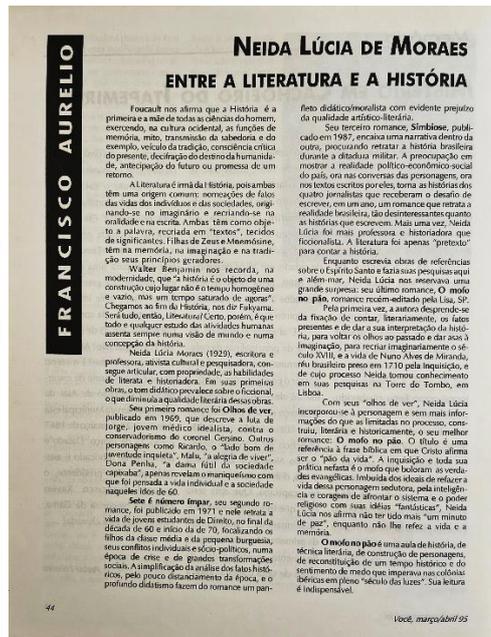
Enquanto escrevia obras de referências sobre o Espírito Santo e fazia suas pesquisas aqui e além-mar, Neida Lúcia nos reservava uma grande surpresa: seu último romance, *O mofo no pão*, romance recém-editado pela Lisa, SP.

Pela primeira vez, a autora desprende-se da fixação de contar, literariamente, os fatos presentes e de dar sua interpretação da história, para voltar os olhos ao passado e dar asas à imaginação, para recriar imaginariamente o século XVIII, e a vida de Nuno Alves de Miranda, réu brasileiro preso em 1710 pela Inquisição, e de cujo processo Neida tomou conhecimento em suas pesquisas na Torre do Tombo, em Lisboa.

Com seus “olhos de ver”, Neida Lúcia incorporou-se à personagem e sem mais informações do que as limitadas no processo, construiu, literária e historicamente, o seu melhor romance: *O mofo no pão*. O título é uma referência à frase bíblica em que Cristo afirma ser o “pão da vida”. A Inquisição e toda sua prática nefasta é o mofo que boloram as verdades evangélicas. Imbuída dos ideais de refazer a vida dessa personagem sedutora, pela inteligência e coragem de afrontar o sistema e o poder religioso com suas ideias “fantásticas”, Neida Lúcia nos afirma não ter tido mais “um minuto de paz”, enquanto não lhe refez a vida e a memória.

O mofo no pão é uma aula de história, de técnica literária, de construção de personagens, de reconstituição de um tempo histórico e do sentimento de medo

que imperava nas colônias ibéricas em pleno “século das luzes”. Sua leitura é indispensável.



Capa da revista *Você* e página do artigo de Francisco Aurelio Ribeiro sobre *O mofo no pão*, de Neida Lúcia Moraes.